

# Dunas e índios em Jacaraípe

*Foi em 1556 que os jesuítas fundaram a aldeia, que era conhecida como Caraípe e habitada por índios*

**D**unas de areia e restos de Mata Atlântica compunham o visual de Jacaraípe, na Serra, na década de 70, quando o bairro passou pelas principais transformações que tornariam o balneário parecido com o que é hoje.

Os primeiros habitantes do local foram os índios tupiniquins e depois chegaram os índios temiminós, do Rio de Janeiro. Alguns historiadores dizem que os índios goitacazes também habitaram o local.

A aldeia foi fundada por catequistas, em 1556, e mais tarde se transformou em colônia de pescadores. O lugar era conhecido como Caraípe, que significa "lugar das rosas".

O naturalista Auguste de Saint-Hilaire, quando esteve no litoral do Espírito Santo, no dia 15 de outubro de 1818, foi à Aldeia Caraípe e registrou o fato em seu diário de viagem. A sílaba "Ja" só surgiria mais tarde.

Até o início da década de 70, o bairro era todo estrada de chão. "Não tinha infra-estrutura, mas era uma tranquilidade só", lembra a comerciante Ana Martins da Costa, de 32 anos, e que



aos 2 se mudou com a família para o local.

Ela lembra que, nessa época, só havia na orla dois quiosques, que eram próximos de onde é hoje a Praça Encontro das Águas. Mercado era só o Beira-Rio, onde as famílias faziam compras de gás e mantimentos.

Os primeiros estabelecimentos a abrirem no local foram hotéis e pousadas para hospedar os funcionários das companhias recém-chegados. Aos poucos, Jacaraípe foi adquirindo vida própria.

Na década de 80, foi aprovado pela Prefeitura da Serra a construção de 30 quiosques na avenida Nossa Senhora dos Navegantes.

Hoje, o número de quiosques na orla já chega a 120. O bairro tem cerca de 30 mil moradores e suas praias atraem turistas de todo o País.

AJIS 899

## DESTAQUES



■ **MÃE** – Mais conhecida como "Mãe de Jacaraípe", Maria José Cláudio Corrêa, 83 anos, mora no bairro há 60 anos. Ela conta que, na época, o balneário era pequeno, não tinha água encanada nem luz e era habitado praticamente só por pescadores.

Na década de 70, para receber os recém-chegados, ela decidiu ampliar sua casa. "Era o abrigo de quem chegava", recorda Maria José, que aos poucos foi transformando a moradia de quatro quartos em um hotel com 30 dormitórios, passando a cobrar a hospedagem.

FOTOS: ANDRESSA CARDOSO/AT



■ **RIO** – Quando a supervisora de serviços Dezeir Pereira Gomes, de 43, se mudou para Jacaraípe com a família, o que ela mais gostava de fazer era correr pelas dunas com seu irmão.

"Tinha nove anos de idade e onde hoje é a Praça das Laranjeiras tinha um córrego muito limpo, onde minha mãe lavava roupas e eu tomava banho com outras crianças", lembrou.

Ela diz que a chegada das empresas na região foi positiva por ter aumentado a oferta de empregos, mas sente falta da tranquilidade de sua infância.



■ **IMOBILIÁRIA** – Dulce Rosa Pretti Calmon, 83 anos, se intitula a primeira corretora de imóveis de Jacaraípe. Ela conta que conheceu o local, há 44 anos, através de uma amiga que tinha terrenos no local.

Em 1962, comprou seu primeiro lote no bairro e depois passou a vender os terrenos da amiga. "Mas, ao invés de dinheiro, pedia comissão em terras", recordou. Até hoje, Dulce continua no ramo, à frente da Colibri Empreendimentos Imobiliários Ltda.